



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**FRANCISCO THIAGO FERREIRA DE BRITO**

**ANTÔNIO SILVINO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: ALGUMAS  
REPRESENTAÇÕES DO PRIMEIRO REI DO CANGAÇO. (1875 – 1944)**

**CAMPINA GRANDE**  
**2019**

FRANCISCO THIAGO FERREIRA DE BRITO

ANTÔNIO SILVINO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: ALGUMAS  
REPRESENTAÇÕES DO PRIMEIRO REI DO CANGAÇO. 1875 – 1944

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Estadual da Paraíba como  
requisito para conclusão da graduação em  
História.

Orientadora: Profa. Dra. Lúira Freire Monteiro

Campina Grande

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862a Brito, Francisco Thiago Ferreira de.

Antônio Silvino entre a história e a memória [manuscrito] : algumas representações do primeiro rei do cangaço. (1875 - 1944) / Francisco Thiago Ferreira de Brito. - 2019.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro, Departamento de História - CEDUC."

1. Cangaço. 2. Historiografia. 3. Memória. I. Título

21. ed. CDD 303.484

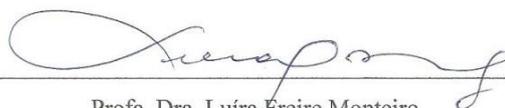
FRANCISCO THIAGO FERREIRA DE BRITO

ANTÔNIO SILVINO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: ALGUMAS  
REPRESENTAÇÕES DO PRIMEIRO REI DO CANGAÇO. 1875 – 1944

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Estadual da Paraíba como  
requisito para conclusão da graduação em  
História.

Campina Grande, 03 de Dezembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro  
Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Dra. Hilmária Xavier  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Glauber Paiva  
Universidade Estadual da Paraíba

## DEDICATÓRIA

Ao Senhor Deus por me permitir chegar aqui.  
À Esther e Rebeca minhas filhas, meus  
presentes.

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo agradeço ao meu Deus em quem encontro força e consolo nas batalhas. Aos meus pais (como é difícil agradece-los em poucas linhas) pela dedicação de suas vidas à nossa família pela certeza das orações, acima de tudo por serem minha ancora, meu exemplo de união, de força, e a razão do meu mais sincero respeito e reverencia. Às minhas irmãs Thaise e Thatiane que sempre torceram por mim, em especial a Thatiane pelas opiniões e ajudas nos trabalhos acadêmicos. À minha esposa pelo companheirismo e dedicação ao longo desses anos de convivência em especial durante minhas ausências por motivos de trabalho e estudos; pela atenção nos momentos em que eu começava a falar de história (ela não gosta de história) e muito interessada, ela interagia nas minhas explicações. À minha orientadora, Professora Luíra, pelo profissionalismo e a paciência nessa orientação; além do meu agradecimento tem minha admiração pela postura ímpar nessa Universidade.

## RESUMO

Nosso trabalho abordará a vida do cangaceiro Antônio Silvino, um cangaceiro atípico: um homem importante para o seu tempo, devido sua trajetória de vida como participante ativo do Cangaço, constituindo em torno de si uma imagem diferente da que foi construída para os cangaceiros de seu tempo. Desde os tempos de cangaço Silvino ficou conhecido por carregar consigo uma espécie de código de ética particular, impondo aos seus subordinados retidão nas ações e respeito para com os demais, fazendo com que sua fama fosse assim conhecida, e que adquirisse respeito e amizade de muitos para além das fronteiras do cangaço. Com perfil diferenciado das representações comuns do cangaceiro, ele já demonstrava que, apesar de viver o cangaço, trilhava caminhos diferentes. Não pretendemos solucionar um problema ou criar um, objetivamos neste artigo elencar as principais representações erigidas em torno da figura de Antônio Silvino, a partir da historiografia que foi construída com base em sua personalidade e da memória que nos chega como fenômeno social.

Palavras-chave: Antônio Silvino. Cangaço. Historiografia. Memória.

## RESUMEN

Nuestro trabajo aborda la vida del atípico “cangaceiro” Antonio Silvino: un hombre importante para su tiempo, debido su trayectoria de vida como participante activo del “cangaço”, constituyendo alrededor de si una imagen diferente de la que fue construida para los “cangaceiros” de su época. Desde los tiempos del Cangaço, Silvino se volvió conocido por cargar consigo una especie de código de ética particular, imponiendo a sus subordinados rectitud en las acciones y respeto con los otros, haciéndose que así fuera conocido y consiguiendo el respeto y la amistad mismo afuera de las fronteras del “cangaço”. Con el perfil diferenciado de las representaciones comunes del “cangaceiro”, él ya demostraba que a pesar de vivir el “cangaço”, trillaba caminos diferentes. No pretendemos ni solucionar, ni crear un problema, nuestro objetivo en este artículo es hacer relación de las principales representaciones erigidas alrededor de la figura de Antonio Silvino, desde su historiografía que fue construida con base en su personalidad y su memoria que llega a nosotros como fenómeno social.

Palabras clave: Antonio Silvino. Cangaço. Historiografía. Memoria.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1: Antônio Silvino, ferido, na enfermaria da Casa de Detenção do Recife, em 1914.....	26
FOTO 2: Antônio Silvino ao centro e alguns de seus captores.....	27
FOTO 3: Antônio Silvino na porta da casa de detenção, acompanhado de um filho e diretores do presídio.....	28
FOTO 4: Antônio Silvino em 1944.....	29

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>ANTÔNIO SILVINO NA HISTORIOGRAFIA .....</b>	<b>10</b>
<b>ANTÔNIO SILVINO REMEMORADO .....</b>	<b>17</b>
ANTÔNIO SILVINO NO CORDEL.....	20
ANTÔNIO SILVINO NOS JORNAIS .....	22
ANTÔNIO SILVINO NA ORALIDADE .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Uma das características que a História no Século XX passou a ser conhecida diz respeito a sua capacidade de revelar aos seus interlocutores determinados fatos e acontecimentos que poderiam facilmente passar despercebidos dentre os inúmeros que ocorrem cotidianamente em nossa volta. Homens, mulheres, crianças, personagens, lugares, instituições, fenômenos sociais e econômicos, tudo passou a ser examinado por esse campo de pesquisa; discursos, documentos, vestígios, objetos, marcas, que deixaram nas páginas do tempo suas contribuições, agora é “problema da história”. Esse aspecto da história foi amplamente trabalhada e discutida pelo historiador inglês Edward P. Thompson e ficou conhecido como a “história vista de baixo”, ou seja, seria uma história sendo contada a partir de personagens das mais variadas camadas da sociedade, que não eram os notáveis do tempo, os grandes homens, os políticos, e que não tinha apenas nos documentos oficiais sua fonte de investigação. Seria a história pela ótica dos anônimos ou os “esquecidos” que apesar de estarem à margem dos grandes acontecimentos construíam paralelamente também a história. No prefácio da obra “A formação da classe operária inglesa (1987), ele descreve seu objetivo em estudar as massas:

“Estou procurando resgatar o pobre, descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual ‘obsoleto’, o artesão utopista e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social e nós, não.” (Thompson, 1987, P. 12-13).

Embora esta obra de Thompson esteja voltada para a classe operária inglesa, o que ela nos oferece enquanto estudo do social e cultural numa sociedade, torna-se um referencial de diálogo e aprofundamento no tema. Nos identificamos com o autor, pois a história que agora problematizamos é a de mais um desses personagens simples, que serviram como peças fundamentais para que essa grande engrenagem da história pudesse ser montada. Essa “história vista de baixo” se torna importante quando percebemos que a ruptura de um sistema se deu não apenas nas grandes estruturas do campo político, social e cultural, mas podemos encontra-la nas camadas mais baixa da sociedade legitimando seu processo de transformação. Foi a partir dessa perspectiva que Thompson escreveu sua teoria histórica e da qual nos referenciamos confirmando sua pretensão.

A história de vida de Manoel Batista de Moraes ganhou espaço nos anais da história por ter conseguido em seu tempo notoriedade carregando características próprias que o

diferenciava dos demais cangaceiros. Manoel Batista de Moraes era o nome de batismo de Antônio Silvino, o primeiro “Rei do cangaço” que habitou o sertão nordestino e nele ajudou a construir um dos fenômenos sociais mais pesquisados em todos os tempos: o cangaço.

O presente artigo tem como objetivo constituir este personagem a partir de variadas fontes, elencando as principais representações construídas em torno dessa personalidade, que ainda atrai a atenção de muitos, em face de seu perfil diferenciado, tanto antes de inserir-se nas atividades do cangaço, quanto como depois de deixá-las.

Ao lançar mão de um corpus documental que compreende estudos históricos, publicados em livros, artigos e dissertações, jornais de época, crônicas e entrevistas, buscamos os indícios que nos possibilitarão discutir, dentro do campo do possível, a problemática em questão. Diante das fontes que foram reunidas é preciso que construamos essas escritas de vida cruzando-as, vendo as várias representações construídas em torno da figura de Silvino, confrontando informações, observando o discurso de cada um, pois cada um elabora a leitura de mundo que entende do outro. A respeito, citamos aqui um breve pensamento do professor Durval Muniz sobre o fazer história, e que cimentam as pretensões do presente trabalho:

Nenhum “fato histórico” possui uma documentação consagrada que não possa ser substituída por outra ou mesmo é constituído de um conjunto de eventos que não possam ser substituídos por outros, o que depende do olhar do próprio historiador e do tipo de história que gostaria de fazer (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, P. 156).

Com base neste ensinamento, optamos por enveredar nas trilhas do que reputamos como historiografia. O que os historiadores narraram da vida de Antônio Silvino? Como sua figura foi construída nos estudos históricos?

Por outro viés, nos debruçamos nas experiências de memória que também constroem Silvino, essas “memórias culturais” exaradas nos jornais e cordéis utilizados se entrecruzam com a memória de parentes e amigos que conheceram de perto o sujeito desta pesquisa. Passemos a ele, então.

## **ANTÔNIO SILVINO NA HISTORIOGRAFIA**

A historiografia construída em torno da figura de Antônio Silvino é ampla e variada. Algumas se destacam por tratarem o cangaceiro como um homem comum, apelando, em alguns casos, para que este contasse sua própria história. Outrossim, para efeito deste trabalho usamos o conceito de Monteiro (2016) para a historiografia:

“(…) a história do discurso – um discurso escrito e que se afirma verdadeiro – que os homens têm sustentado sobre seu passado, aberto à análise e recomposição de sua constituição. Os documentos históricos, firmados quando da escrita do passado, sujeitos à análise da narrativa e dos seus enfoques, das interpretações e das visões de mundo, do uso das evidências de métodos para sua composição, assumem o cariz do que aqui se nomeia como historiografia.” (MONTEIRO, 2016, P. 17)

Desses construtos historiográficos, destacamos alguns que nos serviram de fonte: “Antônio Silvino, o rifle de ouro” (1979) de Severino Barbosa; “Antônio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito” (2012) de Sergio Dantas; “Os Cangaceiros” (1977) de Maria Isaura Pereira de Queiroz; “Antônio Silvino: capitão de trabuco” (2001) de Mario Souto Maior; “Antônio Silvino, sua vida de crimes e seu julgamento” de Francisco das Chagas Baptista; “Memórias de Olinda” (1996) de Luiz Beltrão; e tornam-se fontes preciosas para quem deseja conhecer mais sobre ele e sobre o cangaço.

Embora tenha se construído em torno do cangaceiro a imagem da perversidade, do terror, da crueldade e do machismo, podemos fazer nesse momento uma espécie de revisionismo para mostrar que apesar de todos esses estereótipos formados em torno da figura do cangaceiro podemos apreender também com as fontes que esse ser carregava consigo os seus valores éticos e morais próprios que independente das leis e normas que regiam o mundo ao seu redor, ele as praticava.

É no trabalho de Dantas (2012) que encontramos uma descrição básica de Manoel Baptista de morais, que nasceu em dois de novembro de 1875, na Fazenda Colônia, município de Afogados da Ingazeira, na Serra da Colônia, estado de Pernambuco. Sua ascendência, segundo o mesmo autor, fixava-se em duas poderosas famílias da Zona do Teixeira, os Brilhante, por parte da mãe, Balbina Pereira de Moraes, e os Cavalcanti Ayres, por parte do pai, Pedro Baptista Rufino de Almeida, o “Batistão”; teve irmãos, dentre os quais Zeferino e Francisco (DANTAS, 2012).

Acerca de sua infância e juventude, a historiografia nos apresenta uma criança guardada no aconchego da família, levando uma vida como a de tantos outros que viviam ao seu redor. Tendo recebido uma educação rígida, pautada nos costumes e na moral do povo sertanejo, desde muito jovem que Manoel Baptista era iniciado no trabalho do campo, lavrando a terra e produzindo o que necessitava. Dessa forma tal educação ia além da disciplina no trabalho. Segundo Dantas (2012) e Barbosa (1979), Manoel Baptista era de índole pacífica, cortês e educado com as mulheres e raramente se metia em confusão com outros sertanejos. Vejamos uma das principais descrições de Silvino, enquanto rapaz:

“Os filhos de Batistão não são de barulho. Dos três destaca-se Manoel, também conhecido como Né Batista, rapagão alto, forte, musculoso, pele queimada do sol,

olhos agateados e muito vivos mas de gestos lentos, irrepreensivelmente limpo e asseado, dono de uma amabilidade e de uma cortesia que impressionam. Tendo sido tomado por bom partido para um casamento, pelas moças da vizinhança.” (BARBOSA, 1979, P. 21)

Consoante BARBOSA (1979), foi o assassinato de seu pai no ano de 1896 que mudou o rumo de sua história e de sua família, jurando vingar a morte do pai na falta de uma justiça eficaz capaz de conduzir um processo legal para penalizar na forma da lei os seus assassinos. Era assim no interior Nordestino por aquelas épocas quando a Instituição Judiciária, por algum motivo, não cumpria com seu dever, a lei que vigorava era a do “olho por olho, dente por dente”, isto é, se um parente fosse morto, logo sobrevinha o “direito” de pôr fim à vida do assassino que não fosse julgado por vias do direito.

A partir daí, o que podemos extrair das narrativas é que a vida de Manoel Batista e de seus irmãos só tinha um objetivo, fazer a justiça ao modo nordestino. Nesse intuito Manoel e Zeferino passam a integrar o bando do famoso Silvino Ayres, parente dos jovens, participando dos ataques promovidos pelo grupo inclusive o conhecido ataque à Vila dos Teixeira no ano de 1897. Com a captura de Silvino Ayres e posteriormente a morte de Luís Mansidão era a vez de Manoel Batista assumir o grupo. Aos vinte e três anos de idade, Nezinho Batista transformava-se em Antônio Silvino, o primeiro ‘Rei do cangaço. Nas palavras de Souto Maior (2001): “Passou a existir, desde então, mais um cangaceiro no Nordeste, obedecendo a receita de como fazer um: injustiça social + ignorância + influência do meio + outros temperos = igual a Antônio Silvino”. (P. 32)

Não se sabe ao certo o motivo dele ter adotado esse nome, mas existe um consenso entre os historiadores que Antônio seria uma homenagem ao padroeiro da fazenda onde nasceu, o Santo Antônio, e Silvino seria em homenagem ao seu padrinho Silvino Ayres, que lhe iniciou na vida de cangaceiro. É nesse momento também que seu irmão Zeferino adota para si o nome de Vicente Silvino.

Desde fins do século XIX, os jornais paraibanos já vinham noticiando atos criminosos cometidos por cangaceiros, muitos deles já atribuídos a Antônio Silvino. Sua fama começa a correr o Nordeste e o Brasil, em pouco tempo seu nome já era estampado nos jornais impressos de varias localidades atribuindo-lhe diversos crimes e ataques nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

O campo da historiografia, ao atribuir características aos sujeitos históricos, é definida por Monteiro (2016) como a “prática de construção identitária”, e assim ela conceitua: “Assim, partimos do principio de que a historiografia, enquanto prática de construção

identitária, constrói também outras identidades além da pretendida, e em seu metier, mesmo que de modo incidental, articula a retórica do outro, o não-ser, o avesso do ser” (P. 16). As representações construídas em torno da figura de Silvino são diversas expressas de acordo com as notícias que vão se espalhando sobre os seus feitos e os historiógrafos segundo suas praticas as vão registrando definindo uma “identidade” para o cangaceiro. Assim vejamos:

”Ora violento, ora perverso, ora vingativo, mas em certos momentos generoso e justiceiro, Antônio Silvino vai marcando no Sertão Nordestino uma figura diferente, estranha e contraditória de cangaceiro. À medida que ganha fama, torna-se cada vez mais difícil de ser entendido e passa a preocupar homens de cultura que observam e estudam sua personalidade.” (BARBOSA, 1979, P. 31).

No entanto existia em torno do cangaceiro uma característica que lhe diferenciava dos seus antecessores e também dos seus sucessores. Dentre as varias alcunhas atribuídas a Silvino, DANTAS (2012) também o descreveu como o “cangaceiro romântico”:

“De inicio, Antônio Silvino encarnou a figura do cangaceiro romântico. Enveredou pela senda da defesa dos mais pobres. Passou a proteger virgens e viúvas e matava exclusivamente para defender-se. [...] Respeitava damas, donzelas, velhos, crianças e doentes. Devotava profunda honra à mulher casada. Possuía amigos que o defendiam e prezavam sua amizade. (DANTAS, 2012, P. 31)

Salientamos porem, que é preciso ao ouvir as histórias que se contam a respeito dos atos de Silvino, submete-las a um filtro pois junto com a imagem do bandoleiro perspicaz, construiu-se também a do mito que dispunha de poderes sobrenaturais tamanha era a sua audácia frente aos seus inimigos.

“Antônio Silvino é bandoleiro famoso. Correrias, tiroteios com a policia, assaltos a propriedades, saques, depredações, assassinatos, incêndios, emboscadas, fugas espetaculares, combates terríveis; Antônio Silvino já apelidado de “Rifle de Ouro” pela sua pontaria infalível, leva a todos de vencida e avança na sua marcha sinistra pelas caatingas. [...] Contam-se do novo bandoleiro fatos impressionantes, brutais, em mistura com casos pitorescos.” (BARBOSA, 1979, P. 29)

O mesmo autor insiste em dar ao cangaceiro esse tom místico típico de personagens mitológicos: “Transforma-se Antônio Silvino numa figura apavorante a quem todos temem, pois, segundo dizem, tem parte com o diabo e por ninguém será vencido” (BARBOSA, P. 31). Não só em Barbosa (1979), mas encontramos também esse exercício em Dantas (2012):

“Histórias sobre os poderes mágicos do notável cangaceiro já eram lugar comum e eram apregoadas sem pudor sertão afora. Antônio Silvino segundo comentava-se, teria o poder do “encantamento”. Transformava-se em arvores ou animais” (P.167).

Um caminho para entendermos esse fato nos oferece Oliveira (2011) quando diz que “seus crimes estavam pautados na moral e nos costumes do povo sertanejo”, sendo os poetas e

cantadores os responsáveis por essa “produção imagética de um verdadeiro ‘Super-homem’, um cangaceiro que ia muito além de suas limitações” (P. 115). Nessa construção identitária, segundo esses autores, Silvino não era somente mais um sertanejo injustiçado, ele era um tipo novo de personagem, um paladino da justiça desses que o cinema constrói, que apareceu nos sertões para combater o sistema instituído que castigava o povo daquela terra.

Ao compararmos a organização do grupo de cangaceiros liderado por Antônio Silvino com outros grupos, parecia que o dele estava mais bem estruturado, de forma que suas ordens, modos de pensar e comportamentos fossem passados para seus subordinados com mais precisão, pois ele exigia a mesma moral e honra que trazia consigo. Sem dúvida a religião era um desses signos que era respeitado por pelo menos a grande maioria dos cangaceiros e não era diferente com Antônio Silvino, pois como mostra nas obras acima mencionadas, ele demonstrava-se um sujeito muito consciente e praticante da fé católica.

Segundo Facó (1991), em momentos de crise a religião apresentava-se, juntamente ao lado do cangaço, como a principal forma de resistência dos sertanejos. Portanto, como a maioria dos sertanejos, o cangaceiro praticava sua religiosidade com deferência, dignidade e muita fé, pedindo sempre ao Senhor e a Nossa Senhora que os protegesse dos perigos cotidianos. A prática dos rituais de pedir a benção do padre, de se confessar e comungar, entre outras, estavam sempre presentes.

Sabemos que Silvino nasceu em família católica tendo na fazenda onde nascera uma “igrejinha” erguida em homenagem a Santo Antônio, (DANTAS, 2012) onde participava ativamente durante sua infância e juventude das manifestações culturais, ritos religiosos e reuniões (OLIVEIRA, 2011). Durante o tempo em que esteve no cangaço, da mesma forma Silvino se mostrava praticante e sempre que possível tinha seus momentos de fé:

“Com Antônio Silvino não era diferente, pois quando entrava numa localidade que tinha uma igreja e um padre, habitualmente ele deixava o cangaço “de lado” para “cuidar” do espírito [...] De outro modo, nem sempre os conflitos eram esperados, como acontecia na ocasião dos roubos ou assaltos. Às vezes eles se davam até dentro da igreja, quando em seu momento de fé o cangaceiro buscava confessar seus pecados ao padre, obter seu perdão e ser abençoado para continuar nas correrias diárias (OLIVEIRA, 2011, P. 125, 127).

Sem dúvidas esse é mais um dos aspectos da personalidade de Silvino que o faz transitar sobre uma linha bastante tênue entre o mocinho e o vilão, o herói e o bandido. Todas essas características que vão sendo apresentadas contribuíram para a construção dessa dicotomia em torno do cangaceiro.

Com o tempo Silvino vai sentindo o peso das suas aventuras e demonstra sinais que deseja mudar de vida. Segundo a autora Maria Isaura Queiroz na obra *“Os Cangaceiros”* (1977), em meio a essa atormentada vida, por volta de 1911 ainda conseguiu se enamorar de uma jovem chamada Juventina Maria da Conceição, apelidada de Tita, filha de um fazendeiro. Casou-se com ela porém não havia ainda como largar a vida que levava para dedicar-se a sua esposa. Pediu a um Padre amigo seu para que intercedesse por ele junto ao governo para que seus atos fossem perdoados e ele pudesse então tocar sua vida como criador de gado como sonhava, no entanto seu desejo não lhe foi atendido. Por volta de 1912 um pacto assinado pelos governos de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte tinha por objetivo unificar esforços no intuito de capturar o celebre bandido (Queiroz, 1977). O cerco está se fechando pra Silvino.

Ainda conseguiu se manter por mais dois anos até que no dia 28 de Novembro de 1914 foi surpreendido na fazenda Lagoa de Laje na serra de Taquaritinga pela volante policial do Alferes Teófanos Torres que já vinha no seu encalço ha alguns dias, e depois de um intenso combate com as forças publicas Antônio Silvino e seus homens não resistiram e o resultado foi que alguns se dispersaram mato a dentro, o cangaceiro Joaquim Moura ferido, tirou a própria vida para não se entregar a Policia, e Silvino atingido por um tiro que atravessou o seu pulmão sem nenhuma chance de resistência procurou um abrigo numa casa próxima e mandou avisar que se entregaria; e se entregou para assim dar inicio a uma nova fase da sua vida. A vida no cangaço acabava ali.

“Com trinta e nove anos de idade o filho de Batistão do Pajeú. Tem quase vinte de vida no cangaço. Metade da existência como bandido [...] Chegam os soldados do Alferes Teófanos Torres cercam a casa onde se encontra o bandoleiro [...] estirado numa cama, Antônio Silvino mal abre os olhos para os soldados. Está feito moribundo. Foi aquele seu ultimo combate.” (BARBOSA, 1979, P. 57)

Durante o tempo em que permaneceu na prisão o que se destaca em Silvino é a sua evidente transformação face a sua fama de fera dos sertões que lhe fez tão conhecido. É narrativa comum entre os autores que lhe biografaram que Silvino buscou se alfabetizar, trabalhar para ajudar sua família e procurava não falar do seu passado quando campeava pelos sertões. Vejamos algumas descrições: “Os jornais eventualmente, publicavam alguma nota sobre a transformação que o ex-cangaceiro atravessava. Enfatizavam a busca ininterrupta do famoso presidiário pelo caminho da regeneração” (DANTAS, 2012). “A impressão que ele nos deu foi a de um homem manso, de espirito pacifico. A voz era branda. Nas suas recordações se mostrava indulgente” (BARBOSA, 1979). “No ano de 1925, Silvino já estava

alfabetizado e seu comportamento era de um sujeito sereno e tranqüilo, bem diferente do Silvino violento e rústico” (OLIVEIRA JUNIOR, 2010). Um médico estagiário que conheceu Silvino na prisão fala do seu dia a dia e da sua impressão a respeito de Silvino. Certa vez afirmou: “A aspereza da vida do cárcere não o tornou um monstro. Era sem qualquer dúvida – um homem regenerado” (DANTAS, 2012). São expressões como, transformação, regeneração, manso, pacífico, sereno, descritos por esses autores que criam um tipo de diálogo entre eles concordando com a tese de que Silvino tinha se arrependido de seus atos passados e buscava viver uma nova vida.

Depois que ganhou o indulto que lhe pôs em liberdade em 1937, Antônio Silvino passou um tempo sem residência fixa, morou um tempo no Rio de Janeiro onde conseguiu um trabalho indicado pelo próprio Presidente que o indultara (Getúlio Vargas) mas, como não se adaptou as condições de vida que lhe foram oferecidas, deixou o lugar e partiu em busca de se estabelecer em algum lugar para dar início a sua nova vida de homem livre. Depois de percorrer algumas cidades do interior nordestino, por onde já havia passado no tempo do cangaço, escolheu o destino da cidade de Campina Grande-PB para viver, lembrando que tinha alguns parentes que poderiam lhe dar abrigo.

Em seus últimos dias depois de muitas insistências concedeu uma entrevista a um jornalista local, talvez como forma de deixar seus últimos registros e sua versão para a vida que levou. O dia vinte e oito de julho de 1944 foi o dia em que Silvino encerrava sua missão nesse plano terrestre abrindo o caminho para a construção da sua memória. Conforme analisam Dantas (2012), Barbosa(1979) e Oliveira Junior (2010), sentindo-se mal desde o amanhecer e já sem forças para se levantar, o dia foi passando em tom de despedidas, as pessoas entravam e saíam da casa consolando a família até que as dezenove horas foi constatado o óbito. “Acabava-se em profundo silencio o ‘Rei do cangaço’(...) Ninguém mais falava. Só havia o silencio. Um silencio fúnebre. Ele – e somente ele – reinava naquele frio anoitecer de Campina Grande...” (DANTAS, 2012)

Essas representações acerca de Silvino ajudam a fomentar as discussões em torno de sua historiografia levando em consideração as variadas formas que os autores usaram para construir seus textos e mostrar “o outro” segundo suas características de escritas. Percebemos que apesar de gêneros textuais diferentes, os vários autores convergem em destacar o lado humano de Antônio Silvino contrapondo-se a imagem do cangaceiro tornando-o um personagem ímpar.

## ANTÔNIO SILVINO REMEMORADO

Atualmente muitos trabalhos sobre as trajetórias de sujeitos de destaque, ou não, na sociedade estão sendo produzidos sob olhares e fontes diversas que possibilitam análises diferenciadas de acordo com o interesse de quem os examina, e conseqüentemente as conclusões a que se pode chegar também são as mais diversas possíveis, não sendo necessário julgar qual ou quais apontam a verdade histórica sobre o tema estudado, pois não é ofício do historiador criar verdades mas sim apontar fatos para que possam ser interpretados dentro de certos contextos. Portanto, nesse momento do trabalho reunimos algumas fontes como recortes de jornais, cordéis, registros memoriais e depoimentos orais que também ajudaram ao longo do tempo na construção do imaginário em torno de Antônio Silvino.

Um importante dado sobre a vida de Antônio Silvino diz respeito à sua vida pós cárcere. Identificado como católico fervoroso, fé professada por sua família, Silvino parece ter assumido um novo credo nos tempos em que cumpriu pena no Recife. Apesar deste aspecto de sua vida também ser abordado por historiadores, preferimos aborda-lo nesse tópico por entender que não se trata de uma questão historiográfica, e sim de mais um aspecto que envolve a vida do nosso personagem.

Diante dessas afirmações partimos agora para a seguinte pergunta: onde começou portanto o contato de Silvino com essas outras vertentes religiosas? Em que circunstâncias se deu? Passaremos a expor o que as fontes nos oferecem como caminho para entendermos esse aspecto da vida desse cangaceiro.

Na obra “Um judeu errante no Brasil” (1970) o missionário batista Salomão Ginsburg narra sua experiência como pregador percorrendo o Brasil durante o final do século XIX e o início do século XX. Salomão Ginsburg não era historiador, ele escreve sua autobiografia fazendo um exercício de memorialista algum tempo depois de deixar o Brasil lembrando os momentos mais marcantes de sua trajetória em nosso País, deixando para os que se interessassem, o seu legado no campo missionário. Para nossa pesquisa essa obra foi de grande valia pelas muitas informações que nos oferece acerca do avanço do protestantismo no Brasil e das resistências enfrentadas nesse período e principalmente pelo fato do missionário relatar em uma de suas passagens por Pernambuco o encontro que teve com Antônio Silvino e seus desdobramentos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Dos acontecimentos mais marcantes em Pernambuco, Salomão destaca seu encontro com Silvino. Conta que devido a forma como defendia sua fé, foi ameaçado de ser expulso do Brasil, e como não houve resultado pelas

Depois de algum tempo desse ocorrido Salomão deixou o Pernambuco e chegou o tempo em que Silvino foi preso e levado ao Recife, no entanto o missionário continuava tendo notícias do seu amigo. Importante notícia lhe deu um repórter que tentou entrevistar Silvino na prisão: “Tudo o que se pode ouvir do Antônio, é acêrca dos batistas e da Bíblia. É sempre encontrado com a Bíblia na mão, lendo e orando”. (GINSBURG, 1970)

De fato, esse relato do jornalista pode ser confirmado por outros relatos de pessoas que, pela curiosidade em conhecer o celebre prisioneiro, iam à casa de detenção em busca de alguma informação ou qualquer contato. O jovem jornalista João Café Filho que mais tarde se tornaria Presidente da Republica também relata como foi seu encontro com Silvino:

“Silvino recebeu-me com aspereza, pois era hostil aos jornalistas. No curso da conversa não se revelou porem, um revoltado contra a vida, a Policia que o prendera ou as autoridades que o mantinham encarcerado. Tinha sempre nas mãos um exemplar da Bíblia, procurando nessa leitura, talvez a paz interior, ou o simples derivativo da reclusão a que estava confinado.” (CAFÉ FILHO, 1968, volume I, P. 47)

Corroborando com tais relatos Sergio Dantas ainda nos afirma:

“... no correr da vida conhecera diversas variantes do cristianismo. Fora espirita Kardecista e durante a permanência na casa de detenção, recebeu a visita de vários pastores evangélicos – inclusive o celebre pregador Salomon Gainsburg – e se converteu ao credo Batista. Acostumou-se a ler a Bíblia diariamente. Conhecia a fundo ambos os testamentos.” (DANTAS, 2012, P. 261)

O escritor campinense Cristino Pimentel, autor de diversas crônicas sobre Campina Grande e Paraíba, também teve contato com Silvino já fora da prisão, a despeito de ter ouvido falar dos feitos do cangaço quando se aventurava pelo interior do Nordeste. Pimentel (1953) relata em suas memorias o encontro que teve com Silvino numa viagem de trem entre João Pessoa e Campina Grande. Na ocasião, o campinense pôde registrar em poucas palavras a sua versão para a vida de Antônio Silvino comparando-o a um “tigre indomável” quando vivia no cangaço tendo sua transformação na cadeia graças a sua alfabetização e o contato com a Bíblia. A fera indomável, o Rifle de ouro, o Governador dos Sertões, que entrara para o cangaço movido pelo sentimento de morte e de vingança agora seria um homem de vida pacata que tem como principio maior a vida.

“Depois que aprendeu a ler e teve, na cela, uma Bíblia ao alcance da mão, ganhou brandura e tornou-se um outro. [...] Certa vez viajávamos no trem de João Pessoa a Campina. Despertou-nos a atenção sua palestra com alguns curiosos que o interrogavam sôbre a sua vida passada. Ouvimo-lo responder: **‘Meninos, antes de**

---

ameaças um monge italiano resolveu eliminar-lhe pelo assassinato procurando para executar tal feito o temido bandoleiro que assolava os sertões naquela época, Antônio Silvino. Apesar do acertado Silvino não concretizou o plano e mais tarde num encontro com o missionário lhe falou da sua vida e as justificativas para o seu modo de agir. Segundo o missionário a partir daquele momento eles se tornaram amigos, tendo inclusive o apoio de Silvino para a causa do missionário.

**prenderem eu matava para não morrer, hoje, morro, para não matar’.**”  
(PIMENTEL, 1953, P. 94).

Como vimos acima, vários autores ao trabalhar a vida de Antônio Silvino dão indícios que em algum momento de sua trajetória, ele teve uma experiência religiosa diferente daquela que lhe foi dada desde a sua infância e que foi responsável pela sua mudança de comportamento, ou como alguns destacam, a sua regeneração.

Contrapondo-se a esses relatos temos uma entrevista que o próprio Antônio Silvino concedeu a um jornal de Recife dias depois de sair da prisão e nela Silvino afirma que se converteu ao Espiritismo.

“Você é protestante Silvino? – Não, senhor. Sou espírita. Protestante é boa gente. Estive 23 anos preso e nunca vi na cadeia um protestante. Como você se tornou espírita? - Depois que estava preso, uma senhora chamada D. Candoca aparecia sempre na Detenção, dando aos presos folhetos espíritas. Nunca quis receber. Um dia vi um preso lendo o” Evangelho Segundo o Espiritismo”. Procurei ler e dahi por deante tornei-me espírita.” (JORNAL PEQUENO. Recife, 03 de abr. 1937. p. 01 e 04. APEJE. APUD OLIVEIRA JUNIOR, 2010, P. 130)

A pergunta do repórter foi feita especificamente sobre o fato da religião que Silvino seguia. Certamente as notícias que se espalhavam sobre Silvino na cadeia tratavam das mudanças no comportamento do cangaceiro desde o momento em que deu entrada na casa de detenção vinte e três anos antes; o fato de ter se alfabetizado, ter trabalhado dentro da penitenciária, ter um bom relacionamento com os demais presos, tudo era notório de alguém que buscava o caminho da regeneração e todos esses fatos eram associados a ele ter seguido o caminho da religião.

Ao que parece, por ser visto varias vezes com uma “Bíblia” e com um comportamento mais brando daquele que lhe deu a fama de temido cangaceiro, muitos o associaram a um cristão, porem pelo que percebemos estas associações podem estar equivocadas. A Bíblia, descrita por alguns, com que ele era visto em suas leituras diárias poderia então não ser “O evangelho segundo o espiritismo” que lhe foi ofertado por esta senhora que fazia o trabalho de distribuição dentro da detenção? Não era comum nessa época alguém ser visto publicamente lendo ou divulgando a doutrina espírita pois o movimento Espirita no Brasil nas primeiras décadas do século XX não foi bem recebido e portanto enfrentou resistências das mais variadas formas como vimos no relato do próprio Silvino que a principio não se interessou pelos folhetos distribuídos na casa de detenção mas que com o passar do tempo vendo um outro detento lendo o material, se interessou também e lendo se identificou com aquelas palavras. Era mais evidente que alguém ao ser visto lendo um livro religioso fosse associado a

um Cristão que já eram conhecidos por essas praticas ao longo do tempo e não a um espirita que buscava também daquela forma exercitar a sua fé e buscar as repostas para seus anseios.

Em relação ao aspecto religioso da vida Silvino, este nos remete a uma pesquisa específica voltada a trabalhar esse tema pois demanda uma maior variedade de fontes que não caberia aqui ser explorada.

## ANTÔNIO SILVINO NO CORDEL

Para este trabalho foram analisadas obras de alguns cordelistas que se destacaram em sua forma de descrever Antônio Silvino, são eles: Leandro Gomes de Barros (1865-1918), Francisco das Chagas Batista (1882-1930), José Costa Leite (1927) e Manoel Camilo (1905-1987). Todos eles são contemporâneos de Silvino e puderam de alguma forma vivenciar os acontecimentos e constituíram obras sob diversas perspectivas acerca do cangaceiro.

Cada autor elabora sua narrativa com características próprias, de acordo com as fontes que lhes são dadas no momento como noticiários de jornais, pesquisa oral ou tão somente o fruto da imaginação com intuito de criar estórias para divertir e instigar o imaginário da população sobre os feitos de Silvino.

Leandro Gomes de Barros e José da Costa Leite foram dos que usaram mais da ficção para falar de Silvino. Nos seus contos o cangaceiro é a figura do homem valente, o mito sertanejo, aquele que resolve os problemas causados pelos desordeiros do sertão, colaborando assim com a ideia do Cordel “ficção”. Vejamos um trecho do cordel *A briga de Antônio Silvino com o valente Zé da Onça*:

Zé da Onça no sertão  
Era muito respeitado  
Fez sujeito valentão  
Sair de noite, arribado  
No lugar onde passava  
De vez em quando ele dava  
Dia santo e feriado

Quase toda noite ele  
Assaltava na estrada  
Fazia roubo em fazenda  
E assalto a mão armada  
Quando ele metia os pés  
Brigava por 8 ou 10  
Não tinha medo de nada

Silvino um certo dia  
Vinha de uma caçada

Na época de rabaça  
Trazia a bolsa pesada  
Silvino meio cansado  
Viu Zé da Onça sentado  
Bem na beira da estrada

Silvino avistando ele  
O seu coração bateu  
E ele vendo Silvino  
Do lugar se remexeu  
Ficou no rifle escorado  
E disse a Silvino: - Cuidado  
Que o macho daqui sou eu  
(...)

Silvino disse : - Moleque  
Pra findar a brincadeira  
Agora vai ser na faca

Deu-lhe logo uma rasteira  
Que o negro caiu no chão  
Silvino disse: -Atenção  
Que agora é na peixeira

Mas Zé da Onça puxou  
Sua peixeira também  
E no ruge-ruge da luta  
Faca vai e faca vem  
Silvino meteu o ferro

Que o negro deu um berro  
Igual apito de trem

E o negro era desordeiro  
E era forte de mais  
Muito ligeiro na perna  
Além de astuto e sagaz  
Era verdadeiramente  
Muito disposto e valente  
Porém Silvino era mais.

Diferente dos autores citados acima, Manoel Camilo constrói sua narrativa em cima de uma longa pesquisa oral que ele faz questão de citar para dar a verossimilhança de sua história. São nomes de personalidades conhecidas que dão a narrativa um teor de autenticidade que lhe diferencia dos demais.

Esta aqui posso afirmar  
que e a mais verdadeira  
pois para isto eu fiz  
uma pesquisa certa  
com muitos que conheceram  
de Silvino a vida inteira.

Estes informantes foram  
Idio e Antonio Azevedo  
Joao Francisco da Silva  
e Joaquim Bento Tancredo  
Antonio Souza e Ze Bento  
Ze Barreto e Joao Valfredo.

Antonio e Vicente Paulo,  
seu No e Manoel Vieira  
Sr. Horeste Fialho  
e seu Januncio Ferreira  
todos estes, sao pessoas  
cada qual mais verdadeira.

Ainda entrevistei  
o tenente Guilhermino  
e o velho Manoel Martins  
e Antonio Laurentino  
e a sra. Teodulina  
prima de Antonio Silvino. (*Antônio  
Silvino*, Manoel Camilo)

Vejamos ainda um trecho do texto em que o capitão Zé Gouveia empreende caçada contra Antônio Silvino:

De Pernambuco saiu  
o capitão Zé Gouveia  
com uma força volante  
por cidade, Vila e Aldeia  
a fim de matar Silvino  
ou o meter na cadeia.

Tiveram varios encontros  
porem de pouca demora  
davam duas, tres descargas  
Silvino caia fora  
mas por fim o capitao  
Gouveia, foi o caipora. (*Antônio Silvino*,  
Manoel Camilo)

Na obra *Antônio Silvino*, sua vida de crimes e seu julgamento o autor traça uma narrativa diferente das demais descrevendo os principais momentos da vida do cangaceiro desde o seu nascimento até seu julgamento como se fosse o próprio Silvino contando sua história. Assim ele inicia o poema:

Leitor, em versos rimados

Vou minha história contar,

Os crimes que pratiquei  
Venho agora confessar,  
Jurando que da verdade  
Jamais me hei de afastar.

(...)

Nasci em setenta e cinco

A história é contada cronologicamente findando com a condenação de Silvino e seu último desabafo:

Trinta anos de prisão  
Fui eu então condenado  
Anular esta sentença  
Não pôde o advogado;  
Voltei para a detenção  
Um pouco contrariado.

Porem, já resignei-me  
A cumprir minha sentença,  
Pois quem mata o semelhante

Num ano de inverno forte,  
No dia dois de Novembro,  
Aniversario da morte;  
Por isso o cruel destino  
Deu-me de bandido a sorte. (*Antônio*

*Silvino, sua vida de crimes e julgamento*. Francisco C. Batista)

Não vê de Deus a presença:  
A prisão é dos crimes  
A legitima recompensa.

Hoje estou arrependido  
De ter sido um delinquente;  
Já ofereci-me ao governo  
Pra ir pra linha de frente  
Dar combate aos alemães,  
E morrer como um valente.

Acreditamos que a Literatura de Cordel se tornou uma ferramenta importante nos estudos da cultura e vida social do povo nordestino pois já fazia parte do cotidiano sertanejo há tempos e sempre retratou o cotidiano as credices os acontecimentos de forma mais suave dando ao leitor e auditores novos olhares sob a realidade do povo.

## ANTÔNIO SILVINO NOS JORNAIS

Do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX os jornais impressos dominaram como principal meio de comunicação e destes podemos destacar alguns em que as mais variadas representações de Silvino foram apresentadas. São eles: A Imprensa, A Republica, A União, A Província, Correio de Campina, Diário de Pernambuco, Jornal de Recife, Jornal Pequeno, Folha do Povo, O Comercio, entre outros. Sabemos que essas fontes são produzidas sob certos interesses e em situações diversas de onde podemos extrair as falas, conflitos e valores que nos ajudam a entender o momento vivido. Ao citar Michel Foucault, Durval Muniz nos adverte sobre o uso de discursos como fonte historiográfica:

“... todo discurso pertence a uma dada ordem discursiva que deve ser analisada, isto é, todo discurso segue regras cultural e historicamente estabelecidas, obedece a modelos, está implicado em dadas relações sociais e de poder que o incitam a dizer algumas coisas e o proíbem ou o limitam de dizer outras.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, P. 235)

Um caso que merece destaque é o do Jornal *Correio de Campina* citado acima, ele pertencia ao Prefeito de Campina Grande Christiano Lauritzen, dono de terras e político

influyente que frequentemente usava o órgão para denunciar os atos de Silvino e pedir providencias as autoridades maior empenho na caça ao bandido que agora passara a circundar a propriedade do poderoso politico ameaçando sua autoridade. Conforme nos relata BARBOSA (1979), no ano de 1914 poucos dias antes de ser preso, Silvino chega a Pocinhos para fazer a arrecadação costumeira e seguir seu caminho, o que conseguindo se retirou deixando o lugar em paz. O jornal logo divulgava a noticia: “Antônio Silvino este destemido e audaz bandoleiro, que há tantos anos vem caminhando com desassombro na sua estrada interminável de crimes e ladroeiras, esteve no povoado de Pocinhos, próximo a cidade de Campina Grande...” e finaliza a manchete: “ Até quando este temeroso bandido campeia com desassombro as nossas zonas, sem que sejam tomadas providencias pela autoridade garantidora da vida dos cidadãos”? (BARBOSA, 1979, P.53).

Depois de atacar a fazenda de Lauritzen e espalhar terror aos empregados, matar o gado a tiros de rifle, Silvino promete voltar e fazer ainda pior. No entanto o Coronel não se intimida com as ameaças e usa seu jornal para chamar atenção do governo: “Ao ilustre Dr. Chefe de Polícia, aqui endereçamos a presente notícia, rogando a Vossa Excelência que tome as necessárias medidas para que seja, o quanto antes, afugentado do nosso Estado, o terrível bandoleiro Antônio Silvino.” (Correio de Campina, 22 de Novembro de 1914, apud, DANTAS, 2012, P. 206)

Vejamos esta outra noticia trazida pelo jornal *A Republica*:

Em 1897, quando Presidente do Estado o Sr. Gama e Mello, Antonio Silvino, cujo verdadeiro nome e Manoel Baptista, em companhia de seu irmao Zeferino, fez parte de um grupo de scelerados, que chefiado por Silvino Ayres assaltou a Villa do Teixeira com o fim de saqueal-a e matar o delegado de policia. Providencialmente poude aquella autoridade escapar, nao sendo entretanto possivel, em vista da surpresa no ataque, evitar as depredacoes de toda a ordem que os vândalos commetteram: arrombamento da cadeia, ferimentos por bala em diversas pessoas, saque total na residencia e estabelecimento commercial do delegado. (A República, 23 de outubro de 1907, apud OLIVEIRA, 2011, P. 67)

A noticia é publicada em 1907 dando conta de fatos que ocorreram dez anos antes, em 1897, relatando a participação de Antônio Silvino no ataque que o grupo chefiado por Silvino Ayres promoveu a Vila do Teixeira. Nessa época Silvino era apenas mais um jovem que havia entrado para o cangaço a pouco tempo juntamente com seu irmão, no entanto o jornal destaca seu nome antes mesmo de citar o líder do bando que era o velho cangaceiro Silvino Ayres conhecido por todos. Entendemos que a posição de destaque que o jornal concede a Antônio Silvino não é imparcial; destacar seu nome e caracterizar o bando como “scelerados” e “vândalos” era uma forma de passar aos leitores uma imagem negativa e de terror associando-

as a Antônio Silvino mesmo sem ele ser, na época, o líder do bando e não ocupar lugar de destaque.

No início do século XX o nome de Antônio Silvino começa a aparecer nos jornais já como líder de cangaceiros que andava ameaçando e espalhando o medo nas comunidades por onde passava no intuito de conseguir seu espaço de poder, e atribuindo alguns crimes da região ao seu nome. No jornal *A Imprensa* a notícia dizia que “todos os dias chegavam a Capital do Estado notícias de novos assaltos, de novos crimes perpetrados pela horda de cangaceiros que estavam causando desordem e pondo terror no Estado.” O jornal denuncia que nos últimos dias os cangaceiros “atacaram de novo uma das povoações que pertencem ao termo do Ingá e ameaçam invadir Alagoa Grande, Gurinhem e os domicílios ruraes dos que não lhes acoitam, nem os protegem na faina ingloria de anarchisar e destruir tudo” (*A Imprensa*, 10 de junho de 1900).

Apesar de toda publicidade negativa que alguns órgãos tentavam imprimir em Silvino, como já mostramos no decorrer do trabalho Silvino também era conhecido por seu lado humano que lhe rendeu o título de “Cangaceiro romântico”, o que lhe favoreceu diante de algumas situações e lhe possibilitou fazer amizades e conquistar o respeito de alguns.

Antonio Silvino sempre creu em Deus e respeitava muito, em sua rude ignorância, a S. S. Virgem. Tinha também, ás vêses, sentimentos bem manifestos de alguma humanidade: commovia-se, não raro, diante da indigência, de velhos e mulheres fracas. Não era uma fera, inteiramente deshumana e selvagem. Temia a morte, fugindo sempre da imminencia de ser tragado por Ella em algum combate singular. Vemos nisto não somente um natural instincto de conservação, sinão também o temor das penas sobrenaturaes que elle comprehendia reservadas aos seus crimes. (*A Imprensa*, 08 de Dezembro de 1914, apud, OLIVEIRA, 2011, P. 71)

No dia 24 de Maio de 1902 o *Jornal do Recife* publicava uma carta assinada pela Senhora Francisca de Souza Gayão da fazenda Patos do município Bom Jardim, onde ela relata os frequentes ataques de bandos de cangaceiros da região mas que se mostrava muito mais decepcionada com a atuação da Polícia do que a dos bandidos. Ela afirma que numa noite procurando cangaceiros, os militares invadiram sua casa e nada encontrando, o Alferes responsável pela diligencia agiu de maneira arbitraria e sem razão plausível determinou que fosse aplicado um corretivo nos serviçais do engenho deixando inclusive um homem morto (DANTAS, 2012). Muito contrariada, ela encerra a carta ao Presidente da Província:

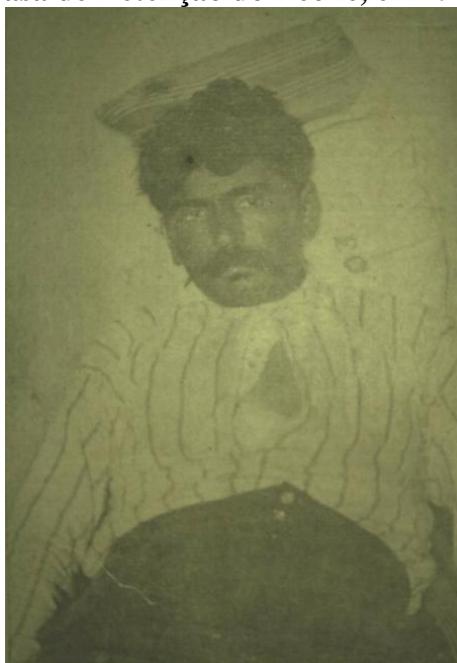
“Como eu estava enganada e receosa de cangaceiros. Hoje eu prefiro-os à Policia de Bom Jardim, uma vez que não há muitos dias, os cangaceiros se dirigiram ao engenho “Condado”, do Capitão João Luiz, e Antônio Silvino em pessoa, se conformou com pequena quantia, tratando muito bem ao capitão João Luiz, segundo ouço dizer” (*Jornal do Recife*, 24 de Maio de 1902, apud, DANTAS, 2012, P. 59).

Através dessa carta podemos perceber a intenção da Senhora em inverter os papéis da Polícia e de Antônio Silvino; os agentes do Estado que eram para garantir a lei e a ordem foram transformados em salteadores e transgressores e o cangaceiro com sua índole “pacífica” foi representado como sensível e compreensível. O fato é que relatos como este são frequentes nas referências a Silvino, o que confirmam seu comportamento como um cangaceiro diferenciado.

Durante toda a sua vida Silvino nunca escondeu sua repulsa a imprensa e aos repórteres; dizia que toda perseguição que sofria e sua condenação foi por causa das notícias falsas que divulgavam sobre ele. De fato, não encontramos registros de que ele tenha concedido alguma entrevista antes da sua prisão; no entanto quando foi preso a notícia logo se espalhou e juntaram-se grande quantidade de pessoas entre curiosos, autoridades e imprensa, para tentar ter algum contato com o cangaceiro na casa onde se encontrava. Enquanto aguardava ser transferido para o Recife, em meio a multidão que cercava o lugar, um repórter do Jornal *A Província* se aproximou e afirmou que ele era acusado de varias atrocidades; antes que ele continuasse Silvino pela primeira vez dirigiu sua palavra a um repórter: “- Já sei, já sei! No mundo só tem inocentes...!” (A Republica, 02,de Dezembro de 1914, apud, (DANTAS, 2012, P. 215) . Era a primeira vez também que Silvino tinha uma foto sua estampada nas paginas de um Jornal.

### Foto 1

#### **Antônio Silvino, ferido, na enfermaria da Casa de Detenção do Recife, em 1914**



Fonte: Jornal Pequeno. Recife. 28 de nov. 1914.

**Foto 2**  
**Antônio Silvino ao centro e alguns de seus captores**



.Fonte: Jornal Pequeno. Recife. 28 de nov. 1914.

Durante o período em que passou na prisão as notícias sobre Silvino nos jornais foram regredindo conforme passava o tempo, até porque no início da década de vinte as atenções começaram a se voltar para outro personagem que começava a se destacar no cenário do cangaço brasileiro, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Iam se tornando raras as notícias de dentro da prisão, eram raros os jornalistas que procuravam o velho cangaceiro na prisão como a exemplo do jovem João Café Filho que lhe entrevistou no ano de 1925. Tudo mudou novamente em 1937.

“Telegramas ontem publicados informavam ter o Presidente da Republica assinado um decreto, perdoando o restante da pena a que foi condenado Antônio Silvino”. (Diario de Pernambuco, 04 de fevereiro de 1937, apud, DANTAS, 2012. P. 245) A porta da casa de detenção do Recife volta a ser tomada por jornalistas e órgãos da imprensa como a 23 anos atrás. Os tempos eram outros, as perguntas agora eram outras.

### Foto 3

## Antônio Silvino na porta da casa de detenção, acompanhado de um filho e diretores do presídio



Fonte Diário de Pernambuco, edição de fevereiro de 1937.

Passados novamente esses momentos de euforia o velho cangaceiro deixa de ser manchetes nos jornais e passa a levar uma vida como um cidadão comum, só voltando a ser notícia em 1944. O rifle de ouro apareceu pela ultima vez numa matéria de jornal, dessa vez bem diferente daquelas que era acostumado no inicio do Século XX quando percorria o Nordeste; agora a noticia dava conta da sua morte.

“Antônio Silvino

Faleceu em Campina Grande o antigo bandoleiro

Telegrama de Campina Grande noticia ter falecido naquela cidade parahybana, Manoel Batista de Moraes, mais conhecido pelo seu nome de guerra, Antônio Silvino. Foi Antônio Silvino um dos mais famosos bandoleiros do Nordeste, correndo em torno de sua pessoa interessantes lendas. Preso no Governo do Dantas Barreto, pelo saudoso a oficial da polícia pernambucana, Teófanos Torres, foi condenado a 30 anos de prisão que cumpriu na Penitenciária e Casa de Detenção do Recife. A sua conduta na prisão foi exemplar, com o produto do seu trabalho educou os filhos, um dos quais serve nos exércitos. Posto em liberdade, já regenerado, Antônio Silvino vivia como um cidadão pacato, inofensivo, ora neste Estado, ora no Rio, ora na Parahyba.” ( Jornal Pequeno, Recife. 01 de Agosto de 1944. Apud, OLIVEIRA JUNIOR, 2010, P. 135)

**Foto 4**  
**Antônio Silvino em 1944**



Fonte: Jornal Pequeno. 01 de ago. 1944

## **ANTÔNIO SILVINO NA ORALIDADE**

Para a construção desse tópico do trabalho entramos no campo da História oral procurando encontrar através de testemunhos específicos relatos que corroborassem com nosso objetivo ao longo dessa pesquisa. Desde o momento em que o movimento historiográfico do Século XX representado essencialmente pela Escola dos Annales, alargou a noção de documento como fonte historiográfica e a história convencional foi duramente criticada por seus métodos de classificar o que e quem importava na história, a história oral ganhou um espaço significativo dentro desse novo contexto histórico. Segundo o historiador Norte americano Michael Frisch (2011): “Nesse esforço, não seria demais afirmar que a história oral – juntamente com outros artefatos, dados e ‘textos’ culturais – provou-se crucial para o processo de superar noções convencionais acerca do que vale como história e, portanto, do que a história pode contar” (P. 76)

O depoimento não é fruto de um acaso ou de uma pretensa imparcialidade, os ditos e não ditos são resultado de causas humanas que pretendem deixar uma verdade. Sobre o uso dos discursos e pronunciamentos, Albuquerque Junior (2007) nos orienta:

“Ao tomarmos um discurso ou um pronunciamento como fonte para o nosso trabalho não devemos perguntar apenas o que ele diz sobre o passado, que informação ele nos traz, mas devemos nos perguntar como esse discurso foi produzido, em que época, por quem, em que circunstâncias políticas, econômicas, sociais.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007 P. 235).

Considerando, portanto, as colocações de ALBUQUERQUE JUNIOR (2007), vemos que o uso de discursos é um importante recursos metodológico, no entanto há de se ter os devidos cuidados para não se deixar envolver com o seu objeto ao ponto de querer atribuir-lhe o status de verdade sabendo que o que foi externado é fruto de uma memória interessada. A análise crítica dos documentos não se restringe aos documentos escritos, uma vez que o conceito de documento se estende a todo e qualquer material que nos forneça um caminho de conhecimento sobre o que se pretende analisar.

O autor Sergio Dantas na nota introdutória da sua obra “Antônio Silvino: o Cangaceiro, o homem, o mito” (2012), relata que um dos incentivos que o fez pesquisar sobre o cangaceiro foram as histórias que sua avó lhe contava, de sua memória, sobre os feitos de Silvino que, de fato, estão em sintonia com relatos compostos em varias outras obras sobre ele. O que ela guardara em sua memória era o “jeito cavalheiresco do bandido”. Vejamos suas palavras:

“Recordo-me que, ainda em minha tenra infância, ouvia minha avó materna contar inúmeros casos sobre o cangaceiro que se auto proclamava “protetor dos pobres”. Relatou-me ela, certa feita, que ANTÔNIO SILVINO chegara com o bando a uma das propriedades de seu pai, fincada na Chã fértil da Serra do Teixeira. Ali o cangaceiro pediu hospedagem e refeição. Interessante que – em suas lembranças – minha avó recordava-se dos modos elegantes do cangaceiro, do respeito que demonstrava às moças da casa e da maneira cortês como se dirigia aos membros da família. Silvino, decerto, lhe causara boa impressão. Era gostoso ouvi-la contar essas histórias e descrever o jeito cavalheiresco do bandido, sempre empertigado em um fardão de Guarda Nacional e com cabelos irrepreensivelmente penteados. Nas mãos, invariavelmente, ostentava grossos anéis de ouro.” (DANTAS, 2012, P. 14)

Importante registro também nos fornece COSTA (2011) na sua obra *Histórias do meu avô*.<sup>2</sup> O texto trata-se de um encontro que o seu avô, o Senhor Manoel Jardelino da Costa ou como era mais conhecido, Seu Maneco, teve com Antônio Silvino no ano de 1912. Esse relato foi transmitido oralmente até chegar ao seu conhecimento e, segundo ele “Este fato era amplamente conhecido por todos e, freqüentemente, acontecia ser comprovado”.

---

<sup>2</sup> Chegamos ao conhecimento dessa obra pelo professor Mario Vinicius Carneiro, filho do autor, através de contato via Facebook o qual nos cedeu o capítulo chamado “O cangaceiro amigo”(pp.11- 18).

Seu Maneco conhecia Silvino pelos folhetos de cordel que naquela época já circulavam contando sobre os feitos do cangaceiro, e Silvino ouvira falar da fama de Seu Maneco por ser boa gente e cultivar grandes amizades. Certo dia Silvino mandou chamar Seu Maneco para uma conversa o que de pronto foi atendido; chegando ao local marcado Seu Maneco adiantou-se na apresentação: “Com fisionomia alegre e descontraída, ele cumprimentou o capitão que não lhe estendeu a mão, mas convidou-o para se sentar em sua frente, em um tronco de pau, improvisando um banco.” Nesse momento o autor do texto descreve a aparência do cangaceiro como se fosse ele próprio que estivesse frente a frente com a figura.

“O semblante tranqüilo e alegre do recém-chegado descontraíu a fisionomia fechada do capitão, alto, forte musculoso, tez queimada do sol, bem barbeado e limpo, de roupa de mescla azul, chapéu de couro virado na testa decorado com pequenas moedas de ouro, duas cartucheiras cruzadas no peito, um enorme punhal entre elas, uma pistola Mauser C 96 na cinta, um parabellum no coldre e um rifle Winchester na mão. O visual comum dos integrantes era o chapéu de couro quebrado na testa, cartucheira cheia de balas, punhal na cinta, rifle na mão e um traço de arrogância na fisionomia de cada um. Todos carregavam uma tragédia a vingar.”

Quando nos deparamos com tal descrição feita pelo autor mesmo tendo passado já muitos anos e tendo ele ouvido de terceiros e a riqueza dos detalhes, nos reportamos a Frisch (2011) quando ele fundamenta a importância da memória nesse novo processo histórico: “As histórias orais ocupam o primeiro plano no conjunto mais amplo de estudos inovadores sobre história social e cultural que tiveram profundo impacto revisionista sobre os conceitos de processo e explicação históricos...” (P. 75) Essa característica da história oral de recuperar histórias não-conhecidas e capacitar as pessoas a fazer suas próprias histórias, a torna singular no campo da história.

Para fazer um contraponto a essas narrativas que apresentamos acima citaremos também a memória da prima de Silvino, Teodulina Alves Cavalcanti (Teodula), registrada por Severino Barbosa. Teodula foi quem conviveu com Silvino os últimos meses de sua vida quando o recebeu em sua casa no ano de 1944 quando era apenas mais um cidadão como outro qualquer e não carregava mais nada consigo que o identificasse com aquela figura dos sertões nordestinos de trinta anos atrás quando foi preso. Ela mesma recorda a chegada do primo:

“Uns quatro meses antes de sua morte, depois de correr mundo e receber de parêntese amigos as mais frias ingratidões, Antônio Silvino vem bater a nossa casa. É uma casinha pobre, pequena. Nos não tínhamos nada. Vivíamos de modesta agricultura. Eu disse a Silvino mas ele respondeu: -Quando tiver o que comer, a gente come. Quando não tiver, paciência...” (BARBOSA, 1979, P. 94)

Esse exercício de cruzar fontes e interligar fatos torna-se fundamental quando trabalhamos com a história oral, como esclarece Alistair Thomson (2011):

“Ao tentar descobrir uma única história, fixa e recuperável, alguns historiadores orais foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores. Eles não se deram conta de que as distorções da memória podiam ser um recurso, além de um problema.” (THOMSON, 2011, P. 67)

Optamos, portanto, em fazer uso desses três depoimentos distintos, de pessoas distintas em épocas distintas, que representam para nós nesse aspecto da pesquisa a memória que foi construída em torno do nosso personagem. Ao observarmos o indivíduo Antônio Silvino pela memória coletiva, percebemos porque esta tem sido entendida como uma dimensão da história, com uma história própria que pode ser estudada e explorada não obstaculizada pelas diferentes vozes construtoras do objeto. Essa pluralidade de versões do passado de que nos fala Thomson é o que nos permite aprofundar o conhecimento do objeto estudado dando a ele um “corpo”, um sentido, nos afastando cada vez mais da ficção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao construirmos essas páginas nossa intenção foi mostrar as diversas formas como Antônio Silvino foi representado e apresentado ao público pelas diversas fontes disponíveis. Durante todo o trabalho versamos sobre Silvino sob variados olhares com traços que ora se aproximaram e ora se distanciaram obedecendo as circunstâncias de seus respectivos lugares sociais. Em cada tópico desenvolvido seguimos os passos de outros pesquisadores que já tiveram seus trabalhos publicados e acrescentamos nosso próprio comentário cruzando informações e atribuindo também um pouco imaginação histórica tendo contudo o cuidado para não cometer anacronismos inaceitáveis.

Assim quando observamos a construção de Silvino por aqueles que buscaram fazer um trabalho biográfico percebemos entre eles mais semelhanças do que diferenças, atribuindo ao cangaceiro valores e justificando suas ações pelo contexto social e político da época e assim, transformando-o mais em herói do que em bandido. No mesmo caminho estão os cordelistas que trabalharam em cima da figura de Silvino, colocando o cangaceiro na maioria das vezes na posição do típico sertanejo, que tem sua vida pautada na moral e na honra. Todavia quando apresentado por alguns jornais o cangaceiro aparecia como criminoso, assassino, indivíduo que assaltava e roubava estabelecimentos comerciais e que extorquia fazendeiros e

políticos, posição justificada pelo fato de que alguns desses meios de comunicação pertenciam a alguns membros da elite política e social do lugar, sendo Silvino uma ameaça para seus interesses.

Sobre a sua experiência religiosa, expomos todas as versões a que tivemos acesso até aqui e a conclusão que chegamos é que Silvino até nesse aspecto foi um sujeito diferenciado pois se ele admitiu em certo tempo de sua vida que se tornou um espírita, para muitos, as suas atitudes deixava transparecer que era um adepto do protestantismo levando muitos daqueles que escreveram sobre ele a afirmar tal posicionamento.

Todas essas faces atribuídas a Antônio Silvino contribuíram para a construção de sua memória, a memória de um ser humano ambíguo, que diferente daquela atribuída a Lampião por exemplo, considerado também como o Rei do Cangaço (Silvino foi o primeiro), ou a outros como Corisco, Jesuíno Brilhante e Cabeleira, cristalizada pela violência e o terror, ele caminha até hoje sob diversos olhares.

Concluimos aqui esta breve abordagem sobre Antônio Silvino, acreditando ter contribuído mais um pouco para tornar conhecido esse sertanejo ímpar, porém com a consciência de que ainda há muito que desvendar e problematizar sobre sua trajetória. Em alguns momentos as análises podem ter sido superficiais e o senso crítico não tão apurado, mas isso nos impulsiona ao aperfeiçoamento historiográfico e ao despertar para que outras pesquisas se desenvolvam com este fim.

Esse é um assunto que com certeza não está superado, esperamos mais pesquisas, mais documentos, mais versões mais teorias que possam enriquecer a história e o debate em torno de Antônio Silvino, do cangaço, da religião, do social e das diversas abordagens que possam surgir do tema, afinal as pessoas são múltiplas, a vida é múltipla e a História é incompleta.

## **FONTES**

BARBOSA, Severino. **Antônio Silvino, o rifle de ouro: vida, combates, prisão e morte do mais famoso cangaceiro do sertão**. Recife: CEPA, 1979.

BELTRÃO, Luiz. **Memórias de Olinda**. Recife: Coleção Tempo municipal. Centro de estudos de História municipal, 1996.

COSTA, Mario Carneiro da. **Histórias do meu avô**. Campina Grande. Grafep, 2011.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antônio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal: Cartgraf, 2006.

GINSBURG, Salomão Luiz. **Um Judeu errante no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa publicadora Batista, 1970.

OLIVEIRA, Deuzimar Matias de. **Nas trilhas do cangaceiro Antônio Silvino: tensões, conflitos e solidariedades na Paraíba (1897-1914)**. Campina Grande: 2011.

OLIVEIRA JUNIOR, Romulo José Francisco. **Como se consagra um mito?** Revista Tempo Histórico. Vol.5 – Nº 1. 2013.

\_\_\_\_\_. **Antônio Silvino: de governador dos sertões a governador da detenção (1875-1944)**. Recife: 2010.

PIMENTEL, Cristino. **Pedaços da história da Paraíba**. João Pessoa, Editora Teone Ltda, 1953.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SOUTO MAIOR, Mario. **Antônio Silvino: capitão de trabuco**. 2. ed. Recife: Bagaço, 2001.

## **CORDEL**

BAPTISTA. Francisco das Chagas. História completa de Antônio Silvino. Sua vida de crimes e seu julgamento. s/l. s/e. s/d

CAMILO. Manoel. Antônio Silvino. s/l. s/e. s/d

LEITE. José da Costa. A briga de Antônio Silvino com o valente Zé da Onça. s/l. s/e. s/d

## **JORNAIS**

A Imprensa

A República

A Província

Correio de Campina

Diário de Pernambuco

Jornal de Recife

## **SITES**

**A família de Antônio Silvino**. 2019. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=SsHorRWoiNE&t=161s>>. Acesso em: 07 de junho de 2019.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Um leque que respira: a questão do objeto em História**. IN: História: a arte de Inventar o passado. Bauru, SP, EDUSC. 2007.

- AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 5. Ed. Rio de Janeiro. Editora Fgv. 2002.
- BARROS, José D'Assunção. **História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183-191.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. 9. ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL S.A., 1991.
- FREITAS JUNIOR, Cleofas Lima Alves de. **O uso de fontes orais e a história do protestantismo em Campina Grande**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.
- SOUSA JUNIOR, José Pereira de. **Estado Laico, igreja romanizada na Paraíba Republicana: Relações políticas e religiosas (1890 – 1930)**, Recife, 2015.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão, 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- MONTEIRO, Luíra Freire. **Retórica da alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. São Paulo. Hedra, 2016.
- PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. (orgs) **O historiador e suas fontes**. São Paulo. Contexto, 2011.
- THOMPSON, E. P. Prefácio. In: **A formação da classe operária inglesa I: A árvore da liberdade**. Tradução de Renato Busatto Neto e Claudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9-14.